

## **NO REVELAR DA INFÂNCIA, DO LIVRO DA VIDA AO JORNAL**

MAGALI KRAMER DOS SANTOS (CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL EMÍLIA PISKE).

### **Resumo**

Revelar, desvelar, um jeito uma maneira de observar, apurar o olhar, registrar momentos, vida. Se o foco é a criança, não significa romantizar, mas lembrar sempre do foco, para conseguirmos visualizar essa criança, nos apropriamos de instrumentos que registrem esse olhar e suas ações no tempo e no espaço da infância. Nossa inquietação em refletir sobre a prática, voltando no passado para planejar o presente, nos fez documentar nossas ações diárias no livro da vida. Quando tomamos coragem, não nos contentamos em mostrar a nossa prática, a nossa história só para as famílias do Centro de Educação Infantil. Queremos contaminar, atingir, encantar a comunidade inteira com os nossos registros fotográficos que ainda é o autor principal para as famílias. Ele é comparado com uma ilustração de um livro literário, ao olhar os rostos dos pais vendo a foto do filho em determinada situação (ligada ao projeto de turma), dá energia para transformar a nossa escrita tão ou quase melhor que a imagem. A aventura continua, fazer um jornal! Desejos no brilhar do olho, daqueles apaixonados por um jeito diferente de olhar para a criança, ou mais, das pessoas que não conhecem o trabalho do Centro de Educação Infantil, mostrar os nossos avanços, as nossas dúvidas, os medos, os sonhos, divulgar os projetos. Dar indicações de obras literárias de qualidade, músicas de qualidade, deixar clara a nossa concepção de infância e de educação. Um jornal que tenha impresso os nossos sentimentos, que o leitor consiga situar-se e entender a caminhada.

### **Palavras-chave:**

Infância, Livro da vida, Jornal.

## **NO REVELAR DA INFÂNCIA, DO LIVRO DA VIDA AO JORNAL**

Um olhar, vários olhares, para todos verem e se tornar história, é preciso revelar para o mundo. Pensando nesta criança real, o que estamos fazendo? Qual o nosso objetivo? Quando olhamos para cada criança o que vemos? O que é infância? O que é ser criança? Que infância que estamos vivendo? Respondendo cada uma destas perguntas concluímos que uma criança precisa de atenção, ser ouvida ser pensando o espaço para ela e com ela, que o adulto seja capaz de entender e sensibilizar-se com os problemas que elas trazem e fazem. Chegar sem sol e sair sem sol é muito tempo para uma criança ficar em um único espaço sem as suas coisas, sem os seus segredinhos, sem os familiares, sem sentir os cheiros da sua casa.

Neste mundo capitalista onde pai e mãe sofrem para conseguir trazer o mínimo para o sustento da família, cada vez mais veremos crianças institucionalizadas, o que fazer? Será mini escolas, ou lugares onde elas serão apenas olhadas (cuidadas), temos que achar um meio termo para isto, o cuidar e o educar parece que dá conta, mas na prática o que é isso? Quantas dúvidas, qual o nosso objetivo enquanto espaço de Educação Infantil?

Com o olhar voltado para a criança, qual o sentimento de estar neste espaço de Educação Infantil? O que elas ampliam de descobertas nestes locais? Quanto tempo elas esperam? Quanto tempo elas atuam? O que elas experimentam? O que vêem e o que escutam? O que tem de igual e de diferente da casa delas? Como é a

afetividade? O movimento? Como é a rotina? Onde estão as suas linguagens? Onde é registrada a sua experiência?

Revelar, desvelar, um jeito uma maneira de observar, apurar o olhar, registrar momentos, movimentos, vida. Se o foco é a criança, não significa romantizar, mas lembrar sempre do foco, para conseguirmos visualizar esta criança, nos apropriamos de instrumentos que registrem este olhar e suas ações no tempo e no espaço da infância.

Nossa inquietação em refletir sobre a prática, voltando no passado para planejar o presente, nos fez documentar nossas ações diárias no livro da vida, segundo o autor ( Sampaio, 1989):

[...] o "Livro da Vida". Nele ficavam gravados os momentos mais vivos e as anotações podiam ser feitas por quem o quisesse, inclusive por Freinet. As crianças ilustravam-no com desenhos, colavam folhas impressas, coloriam... Era uma festa! Também discutiam sobre o que era mais importante escrever e, assim, seguiam colecionando páginas de vida.[...] e ele constitui um documento vivo que pode e deve ser lido por todos os que estão diretamente ligados às crianças: pais, amigos, colegas e visitas (p 23-24).

Visualizando diferentes possibilidades de vivências, acreditamos que as crianças sejam mais felizes, ampliando o seu repertório cultural, que se lembrem dos seus momentos no Centro de Educação Infantil, com saudade e não com alívio. Vivendo a infância intensamente, montando, colando, desenhando, subindo, descendo, se sujando, conhecendo histórias, dramatizando, cantando, rindo, tendo contato com a natureza, ampliando seus conhecimentos a respeito do mundo... .

Segundo o autor (Buitoni, 2006):

Um espaço no qual o corpo é vivido, nas delicadezas, nas durezas, nas asperezas, nas sutilezas dos toques, dos sons, dos cheiros, dos olhares, dos gostos. Cinco sentidos, sete sentidos, quantos mais houver, para viver e sentir: terra, plantas, comida, bichos, gente grande gente pequena, água e fogo. Música. Tambores e cantos (p. 40 e 41).

Que as experiências vividas sejam ampliadas para fora dos muros deste espaço, onde as famílias participem, se integrem e nós pedagogos consigamos mostrar a nossa prática no dia-a-dia não apenas em datas ditas como especiais para sociedade. A nossa escuta vai e volta, pois escrevemos e refletimos diariamente com os problemas estruturais do espaço, com os medos, os choros, as birras, com a falta de vaga.

"Documentar um projeto significa acompanhar e registrar as várias fases de um processo, de modo que a experiência possa ser compartilhada." (Rabitti, 1999, p.161).

Compartilhar, palavra forte que dá medo, nos apresenta para o mundo, oportunidade de conhecimento da caminhada, expondo as concepções, as

fraquezas humanas, oportunizando a participação do outro na construção desta história.

Segundo o autor (Gandini, 2000):

A documentação constitui uma ferramenta indispensável para que os educadores possam construir experiências positivas para as crianças, facilitando o crescimento profissional e a comunicação entre adultos. A documentação serve para confirmar algo que nós consideramos relevante: da prova disso e comunicá-lo. Na educação infantil quando documentamos algo, estamos deliberadamente optando por observar e registrar os acontecimentos em nosso ambiente a fim de pensar e comunicar as surpreendentes descobertas do cotidiano das crianças e os extraordinários acontecimentos que ocorrem nos lugares em que elas são educadas. [...] é vista como uma observação aguçada e uma escuta atenta, registrada através de uma variedade de formas pelos educadores que estão contribuindo conscientemente com sua perspectiva pessoal (p. 150-151).

Quando pensamos em dar visibilidade para a prática, nos percebemos olhando para o passado, passado este, recente, há poucos minutos atrás, como congelar aquele momento para repensá-lo a diante? Pois a cada minuto que passa, estamos diferentes, como saber se esta diferença nos faz melhores educadores, não sabemos, somente quando nos damos o direito de reviver aquele momento. Muitos ensaios foram feitos para nos possibilitar este olhar, escritas rápidas em tópicos, fotos. Quando percebemos que as fotos ficavam em gavetas, as escritas em cadernos pessoais e a observação da criança em itens restritos na entrega aos pais, em um espaço de tempo pré-determinado, neste momento as indagações: pra quem eu registro? Por que eu registro?O que eu registro?Fragmentos de escritas e histórias. Quando levamos o grupo para a aventura do registro enquanto livro da vida, a surpresa! Todos decidiram se aventurar se dar o direito de se mostrar através da suas observações, escrever para o outro ler, é difícil, nos desnuda.

Descobrir-se autor, Luciana Ostteto, nas suas escritas fala, da importância da autoria, ver o grupo fazendo história, fazer história junto, sabendo das dificuldades humanas nas escritas, no jogo das palavras, ser desbravador dos seus medos e repensar os seus atos, deu maturidade para o grupo. Maturidade esta, que a cada ano, amplia este registro. Começou como registro diário das observações das crianças nos projetos de turma, os anos passando e mais riquezas aparecendo nestes registros, hoje ele contempla os planejamentos semanais, as observações diárias das crianças com os projetos de turma, as observações individualizadas das crianças, em cada momento deste, existe um registro fotográfico que ajuda no entendimento da escrita, neste livro tem também o registro semanal das famílias, (sendo que toda sexta-feira uma criança leva o livro para casa).

Registro do Livro da Vida de Agosto de 2005, onde a criança J relata: "Este livro Travadinhas é igual ao lugar que a gente foi, igual a isso Déia", (apontando para o cartaz que registrava a imagem e relato do teatro de trava línguas, que fomos no Teatro Carlos Gomes)

O que acontece conosco quando lemos as páginas anteriores, percebemos as diversas maneiras que podemos realizar a mesma ação, como modificar a prática, como ampliar o que foi planejado, as atitudes, os entendimentos, as relações, o que foi significativo para a criança, o que ampliou de conhecimento, as falas da família.

[...] "Ficamos felizes quando vocês relatam o que o Vini faz no CEI, e os apelidos carinhosos que se referem a ele" [...] (registro da família de 2006 - turma de crianças de 0 a 2 anos).

Quando tomamos coragem, não nos contentamos em mostrar a nossa prática, a nossa história só para as famílias do Centro de Educação Infantil, queremos contaminar, atingir, encantar a comunidade inteira com os nossos registros, que deixam de ser acanhados para serem exibidos. O registro fotográfico ainda é o ator principal para as famílias, ele é comparado com uma ilustração de um livro literário, ao olhar os rostos dos pais vendo a foto do filho em determinada situação (ligada ao projeto da turma), dá energia para transformar a nossa escrita tão ou quase melhor que a imagem.

Segundo o autor (Sampaio, 1989):

[...] aqueles acontecimentos tão vivos, que eram gravados profundamente na alma das crianças, acabavam ali, fechados num armário. Freinet não se conformava com isso. Para ele, deveria existir alguma forma de modificar a situação, fazer reviver aquele instante de emoção. A idéia veio bruscamente: por que não imprimir aqueles textos para que pudessem ser passados de mão em mão, lidos e relidos por outras pessoas? [...] Surge a idéia do jornal escolar (p.21).

A aventura continua; fazer um jornal! Desejos no brilhar do olho, daqueles apaixonados por um jeito diferente de olhar para a criança, ou mais, das pessoas que não conhecem o trabalho de um Centro de Educação infantil, mostrar os nossos avanços, as nossas dúvidas, os medos, os sonhos, divulgar os projetos de turma onde o foco é a criança sendo eles, os autores e co-autores destes projetos. Dar indicações de obras literárias de qualidade, músicas de qualidade, deixar clara a nossa concepção de infância e de educação.

Um jornal que tenha impresso os nossos sentimentos, que o leitor consiga situar-se e entender a caminhada. Caminhada esta que teve muitas pedras e muita energia para escalar.

Dificuldades na edição, programa específico para este fim, conseguimos um parceiro que (tem um entendimento específico em informática) o mesmo, percebendo toda a nossa ansiedade sonhou junto, e ajudou no nascimento deste jornal.

Festa de lançamento, na noite cultural, onde os projetos por turma são apresentados, muita euforia, os sentimentos se misturam, registramos vida, mostramos as crianças, nos mostramos enquanto corajosos e dispostos a ouvir e desvelar a nossa prática.

Percebendo os Educadores, observando a reação da comunidade, na leitura do jornal que recebiam, o semblante era de expectativa, de ansiedade dos autores da história do Centro de Educação Infantil Emília Piske.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUITONI, Dulcília Schroeder. **De volta ao quintal mágico**: a educação infantil na Te-Arte. São Paulo: Agora, 2006.

GANDINI, Lella e Carolyn Edwards. **Bambini**: Abordagem Italiana à Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker Ferreira. **Freinet Evolução Histórica e Atualidades**. São Paulo: Scipione, 1989.

OSTTETO, Luciana E. et al. **Deixando Marcas...** A prática do registro no cotidiano da educação infantil. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

RABITTI, Giordana. **A procura da dimensão perdida**: uma escola de infância de Reggio Emilia. Porto Alegre: Artemed, 1999.